

GIGI GRIFFIS

**NETFLIX**

BASEADO NA SÉRIE  
A IMPERATRIZ DA  
NETFLIX

A  
**IMPERATRIZ**

*Romance*

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

G I G I G R I F F I S

A  
IMPERATRIZ

*R o m a n c e*



*Tradução*  
Isadora Prospero



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

*The Empress* ©/™ Netflix, 2022. Usado com permissão.

Baseado na série *A imperatriz* da Netflix.

*A imperatriz* é uma obra de ficção inspirada em fatos e personagens históricos. Além das figuras históricas conhecidas, dos eventos históricos e dos locais reais apresentados neste livro, o uso dos quais não se destina a alterar a natureza ficcional da obra, todos os outros nomes, personagens, lugares, diálogos e incidentes são usados de maneira fictícia.

A Zando apoia o direito à liberdade de expressão e valoriza os direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é incentivar escritores e artistas a produzirem obras criativas que enriqueçam nossa cultura. Obrigado por comprar uma edição autorizada deste livro e por cumprir as leis de direitos autorais não reproduzindo, digitalizando, baixando ou distribuindo este livro ou qualquer parte dele sem permissão. Se você deseja adquirir permissão para usar o material do livro (exceto para breves citações em resenhas), entre em contato com [connect@zandoprojects.com](mailto:connect@zandoprojects.com).

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Isadora Prospero

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Empress*

*Preparação:* Lígia Alves

*Revisão:* Elisa Martins e Maitê A. Turano

*Coordenação editorial:* Algo Novo Editorial

*Diagramação:* Márcia Matos

*Capa:* Evan Gaffney

*Adaptação de capa:* Beatriz Borges

*Imagens de capa:* Thomas Schenk e juriskraulis/Adobe Stock (moldura dourada)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Griffis, Gigi

A imperatriz / Gigi Griffis; tradução de Isadora Prospero. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

272 p.

ISBN 978-85-422-1938-8

Título original: *The Empress*

I. Ficção norte-americana I. Título II. Prospero, Isadora

22-5139

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

RECHOC ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1853



# PARTE I



## UM



A MÃE DE ELISABETH ERA TODA PÂNICO E FÚRIA, UM VENDEVAL DE saias e schnapps atravessando a casa com barulho suficiente para acordar os mortos.

— Sisi!

Elisabeth odiava aquele apelido, e a mãe sabia. Era um nome de criança – e a desculpa da mãe para tratá-la como uma.

— Sisi, onde você está? — A voz da mãe estava mais próxima agora.

Elisabeth estava escondida atrás de uma cortina azul-celeste elegante que ia do chão ao teto. O tecido combinava com os azuis opulentos das cadeiras luxuosas na sala de estar onde ela estava escondida, que por sua vez combinavam com o luxuoso assoalho de madeira de imbuia, e tudo combinava com a opulência do gosto da mãe. O resto da casa era parecido: arcadas e portas azul-bebê, colchas coloridas e pisos quentes de madeira cobertos com tapetes, tudo estampado com flores ou vinhas entrelaçadas.

A irmã de oito anos de Elisabeth, Spatz, se esgueirou para trás da cortina ao lado dela com ar conspiratório. Elisabeth agitou as sobrancelhas para a irmãzinha de olhos arregalados e levou um dedo aos lábios. Mas não precisava dizer a Spatz para manter silêncio. A essa altura, a irmã já sabia muito bem brincar de esconde-esconde com a mamãe. Todas elas sabiam. Apenas Helene tinha se tornado séria demais nos últimos tempos e abandonado as brincadeiras.

O pensamento fez Elisabeth fechar os olhos. No dia anterior, a irmã a repreendera dizendo que ela precisava crescer. “Você parece a nossa preceptora”, Elisabeth respondera, não conseguindo evitar que a decepção transbordasse dela. Metade do dia havia passado e Helene ainda não falara com a irmã.

— Si-si! — gritou a mãe outra vez, pronunciando cada sílaba separadamente como se pudesse atraí-la para fora de seu esconderijo.

Elisabeth sabia que a mãe queria fazer algo com seu cabelo. Já conseguia imaginar as duas horas seguintes de sua vida: *Fique quieta, Sisi! Não se mexa, Sisi! Deixe-nos puxar sua cabeça em todas as direções e espetá-la com alfinetes, Sisi!* Mesmo quando ela tentava fazer o que a mãe queria, nunca era suficiente. Cada respiração era um movimento. Cada careta involuntária era uma reclamação. Elisabeth tinha tentado – *realmente tentado* – mas da última vez que um duque a visitara para discutir um noivado, no fim, as coisas acabaram do mesmo jeito: com a mãe irritada e o duque de partida.

Naquele dia, ela preferia se esconder.

Elisabeth esfregou um dedão contra a cortina grossa e sedosa enquanto uma brisa entrava pela janela aberta atrás dela e fazia cócegas em sua nuca. As três garotas já haviam descido por aquela janela várias vezes para brincar de esconde-esconde – e sempre que precisavam escapar depressa. Claro, Helene provavelmente não se rebaixaria mais a descer pela treliça até a grama, agora que tinha perdido o senso de aventura. Agora que ia se casar com o imperador.

E o pior, Elisabeth percebeu, era que Helene seria prudente e distante e não estaria mais ali. Casar-se com o imperador significava mudar-se para Viena. E deixar Elisabeth para trás com...

— Onde você está? — A pergunta da mãe foi seguida por um ruído frustrado, quase animalesco, e soou tão surpreendente e tão próximo que Elisabeth deu um pulinho e Spatz cobriu a boca para abafar uma risadinha. A mãe tinha conseguido entrar na sala sem que elas ouvissem – um feito e tanto, com seus passos normalmente pesados.

Elisabeth recuperou a compostura e deu uma piscadinha para a irmã.

— Pelo amor dos céus, Sisi. O duque vai chegar a qualquer minuto!

O *duque*. A grande esperança da mãe para o futuro de Elisabeth e um dos seres humanos mais pomposos da Terra. A mãe esperava que

ele fizesse o pedido naquele dia; Elisabeth esperava que ele caísse do cavalo no caminho.

Outro par de pés entrou correndo na sala. Uma criada, sem dúvida. Helene não se rebaixaria mais a correr.

— Ela nem está vestida ainda? Não pode ser! O duque vai chegar a qualquer minuto! — queixou-se a mãe.

Elisabeth revirou os olhos. *A qualquer minuto* era um exagero. O duque não era esperado por horas. Ela sorriu para Spatz, erguendo uma sobrancelha. Nenhuma das duas estava sequer perto de estar vestida — ambas usavam camisolas brancas, estavam descalças e tinham o cabelo desganhado e despenteado.

Reunindo coragem, as irmãs espiaram pelo canto da cortina. A criada estava segurando o vestido de Elisabeth para o dia — glamoroso, cheio de babados e enfeitado com laços, tão rigidamente engomado que a peça parecia capaz de ficar em pé sozinha. Talvez fosse a resposta para os suplícios do dia: o vestido podia tomar o lugar de Elisabeth. Ela duvidava que o duque repararia se não houvesse uma mulher de verdade dentro dele. Na verdade, talvez pensasse que era melhor assim.

Elas observaram a mãe colocar as mãos dramaticamente na cintura e apoiar todo o peso do corpo contra a pobre criada exausta, que se esforçou para manter em pé tanto a si mesma como ao vestido que parava sozinho.

Apesar do nervosismo, a mãe estava perfeita como sempre, seu vestido de um verde muito escuro com decote cavado e mangas bufantes. Um colar floral atraía os olhos para sua garganta delicada e estrutura óssea perfeita. O cabelo da mãe tinha um tom de mel, e suas feições eram elegantes, um contraste gritante com os cachos escuros e rostos brincalhões de Elisabeth e Spatz. Helene, por outro lado, tinha herdado os tons dourados e movimentos graciosos da mãe, e agora também tinha adotado o decoro para combinar.

Sentindo que a mãe poderia se virar a qualquer momento e pegá-las ali, Elisabeth e Spatz recuaram depressa para trás da cortina. E, quando as mulheres mais velhas levaram sua conversa para outra sala, Elisabeth se virou para Spatz, segurando a cintura em uma imitação exagerada da mãe.

— Estou sangrando até a morte por dentro, e tudo por causa daquela criança! Tragam-me um schnapps!



Spatz riu, cobrindo a boca.

Mais longe agora, elas ainda podiam ouvir a voz estridente da mãe, dessa vez dirigida a Helene, que deve ter escolhido aquele momento infeliz para sair do quarto e aparecer no corredor.

— Não vou permitir que as coisas deem errado. Não de novo, não no último minuto.

Mas era esse o problema: o duque dera errado desde o *primeiro* minuto, suas atenções indesejadas antes mesmo de entrar pela porta. No entanto, não importava quão gentilmente Elisabeth dissesse isso, ninguém parecia ouvi-la.

Spatz olhou para a irmã, curiosa.

— Mamãe disse que ele quer pedir você em casamento.

— Bem, ele pode pedir o quanto quiser — respondeu Elisabeth, inclinando-se com ar cúmplice —, mas eu não o quero.

Ela deu um sorriso irônico, bagunçando o cabelo castanho da irmã. Spatz era parecida com Elisabeth naquela idade: nariz aquilino, pele pálida, as faces rosadas de menina travessa. A única diferença eram os olhos: os de Elisabeth eram de uma cor misteriosa em algum ponto entre azul e verde; os de Spatz, de um castanho-escuro como o chão de uma floresta após a chuva.

— Por que não?

Elisabeth cutucou a irmã e sussurrou, com horror fingido:

— Você viu como ele se veste?

No primeiro encontro deles, em um jantar muito constrangedor, o duque tinha usado um colarinho tão empertigado que parecia um peru. Claro, muito pior fora o dia em que ele ficara falando sem parar sobre si mesmo no jantar e então apoiara uma mão atrevida no joelho de Elisabeth sob a mesa. Mas Spatz não precisava saber desta última parte. Eram as roupas que teriam ficado na memória da jovem duquesa.

Spatz revirou os olhos com a lembrança.

Então, mais séria, Elisabeth afastou uma mecha solta do rosto da irmã.

— Eu não o amo, e quero fazer minhas próprias escolhas.

Spatz assentiu com sinceridade, mas, antes que pudesse fazer outra pergunta, o barulho revelador de uma carruagem chacoalhando na pista de cascalho entrou pela janela aberta atrás delas. As sobranceiras

de Elisabeth se ergueram de surpresa. Ela havia pensado que os gritos de “a qualquer minuto” da mãe fossem exagerados, como de costume. Mas agora o duque tinha chegado – e estava descendo da carruagem. Elisabeth pegou vislumbres dele através das árvores que ficavam entre a janela e a pista. Seu pretendente tinha a pele pálida, um bigode enrolado e a expressão ridiculamente autossatisfeita para um homem que usava o maior chapéu emplumado que Elisabeth já vira. Ela o observou até ele desaparecer pelo canto da casa.

Elisabeth se virou da janela, tomou o rostinho da irmã nas mãos e se inclinou para olhar fundo em seus olhos inquisitivos.

— Eu quero um homem que sacie minha alma. Você entende?

Spatz assentiu, depois sacudiu a cabeça e deu um risinho.

— Quero isso para você também. Um dia. — Elisabeth beijou a testa da irmã. A pele de Spatz estava quente e seca, com cheiro de mel e do chá com o qual os sabonetes delas eram feitos.

— Sisi! — A voz da mãe estava próxima de novo. Próxima demais.

Então, antes que a mãe pudesse encontrá-la e arrastá-la para seu martírio, Elisabeth ergueu as saias, subiu no peitoril da janela e caiu na grama fria de orvalho.

Enquanto escapava pela lateral da casa, ouviu os gritos estridentes da mãe outra vez.

— Onde ela está?

E Spatz, a querida, a adorável Spatz, respondeu com toda a seriedade:

— Sisi disse que quer um homem que sacie a alma dela.

*Sím, írmāzínha.* Elisabeth teria um grande amor ou não aceitaria homem nenhum. Era a linha que havia traçado na areia – e não avançaria além dela.